

Introdução

Historia resumida da Língua Portugueza

Do latim procedem os diversos idiomas chamados românicos, romances ou neo-latinos. O dominio destes idiomas abrange na Europa, a partir de este para oeste, a Rumania, como região isolada, a Italia (comprehendendo a borda do Adriatico com o Trieste e toda a Dalmacia), parte da Suissa, a França com parte da Belgica e finalmente a Peninsula Iberica. Para o linguista todo este dominio constitue a Romania.

Os idiomas neo-latinos não ficaram localizados sómente na Europa. Com a colonisação que alguns povos fizeram em certos pontos remotos da Africa e da Asia e em grande extensão do continente americano, passaram a ser faladas as respectivas linguas também nest'outras partes do mundo. Assim veio o portuguez ao Brasil, e o hespanhol á America hespanhola.

Não ha rigoroso accordo entre os homens de sciencia sobre a classificaçào dos diversos falares da Romania; mas está assentado hoje que não deve prevalecer sómente a divisào politica, nem se deve attender só ao desenvolvimento literario. Nas diversas regiões onde imperam as linguas literarias, ha dialectos muito notaveis que a sciencia não pode desprezar. De alguns delles o estudo está apenas no inicio, e isto difficulta sobremodo a classificaçào.

Segundo Meyer-Lübke, dividem-se as linguas românicas em: rumeno, dalmatico, retico, italiano, sardo, provençal, francez, hespanhol e portuguez. Cada um destes idiomas comprehende por sua vez uma serie de dialectos.

Todas estas linguas e dialectos originaram-se do latim; não do latim literario, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado.

Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de accommodar-se a antigos habitos de pronuncia dos povos que o adoptaram, habitos em que os povos differiam uns dos outros. E as modificações se davam não sómente porque os órgãos de phonação, habituados aos sons indigenas, sentiam difficuldades em reproduzir sons estranhos, mas tambem porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

Entre dialecto e lingua não ha differença essencial senão a circumstancia de ser a lingua aquelle dialecto que, entre outros muitos usados no mesmo paiz, se preferiu empregar como linguagem de chancellaria, servindo para a escriptura de todos os documentos officiaes. O dialecto, que se adoptou na côrte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas produções literarias.

Ao cabo de algum tempo a lingua assim constituida emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. Dá-se-lhe um caracter de uniformidade, submettendo-a a regras de bom gosto e a normas grammaticaes mais fixas; introduzem-se nella expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim. De popular que era, o antigo dialecto, agora lingua official, adquire feição erudita e nobre, desprezando, por plebéas, certas maneiras de dizer que pareciam mal em boca de gente de educação mais fina.

As innovações, tomadas ao latim ou a outro idioma, pronunciavam-se com terminações e formas similares ás que já andavam em voga. Fazia-se sentir a acção da analogia. Mas já agora os homens, ao reproduzirem sons estranhos, tinham mais facilidade do que na epoca em que pela vez primeira aprenderam o latim e o substituíram ao falar nativo. Vocabulos que então penetram no idioma, os chamados vocabulos de origem erudita ou culta, não estão sujeitos ás mesmas alterações phoneticas de outrora.

Em Portugal foi entre os dialectos falados no norte

do paiz que se tomou aquelle que constituiu a lingua portugueza. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o gallegio-portuguez, isto é, o idioma falado nas margens do Minho.

Os mais antigos documentos escriptos em portuguez que se conhecem, datam do seculo XII. Vê-se por elles que o idioma se formou em epoca muito mais antiga, pois a linguagem nos apparece já bem caracterisada e mais semelhante ao falar de hoje do que ao latim. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestigios de portuguez que se encontram em documentos de latim barbaro do seculo IX.

Tomado o seculo XII como inicio do portuguez historico, distinguiremos na evolução do idioma dous periodos principaes: o do portuguez antigo, que é a linguagem escripta usada até fins do seculo XV e ainda nos primeiros annos do seculo seguinte; e o do portuguez moderno, que é a linguagem empregada dessa epoca em diante.

O portuguez antigo legou-nos, alem dos textos de leis, foraes, ordenações, etc., os Cancioneiros, a historia do Santo Graal, a de S. Amaro, a lenda de S. Barlaão e S. Josaphate, o livro de Esopo, o Livro da Côrte Imperial, o da Virtuosa Bemfeitoria, o livro da Montaria de D. João I, o Leal Conselheiro e Arte de cavalgar de D. Duarte, a Chronica dos Frades Menores, as Chronicas de Fernão Lopes, Zurara e Ruy de Pina e varias outras obras. Alguns textos têm sido publicados ultimamente e ha outros ainda por publicar.

Mostram esses differentes escriptos não ser o vocabulario portuguez de exclusiva procedencia latina. Outros povos que depois dos Romanos dominaram a peninsula iberica deviam deixar vestigios de sua passagem. Nota-se principalmente no portuguez antigo a adopção de varios termos de origem arabe.

O portuguez moderno subdivide-se nas phases quinhentista, seiscentista e hodierna, podendo-se admittir como transição entre estas duas ultimas a phase setecentista.

São notaveis, sobretudo, os escriptores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a linguagem escripta mais de accordo com o falar corrente, que nessa epoca se achava bastante diferenciado do falar

de dous ou tres seculos atraz. Modernisaram a linguagem e tornaram-na tambem mais elegante.

Publicaram-se em portuguez quinhentista alguns romances de cavallaria, como a Historia do Imperador Clarimundo de João de Barros, e o Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes; mas a epoca foi sobretudo fecunda no genero propriamente poetico e em narrações e descripções relativas ás conquistas de ultra-mar. Sá de Miranda e Antonio Ferreira escrevem poesias e fundam o theatro portuguez. São seus contemporaneos muitos outros escriptores igualmente illustres. A todos porem excedeu Luis de Camões com o immortal poema dos Lusíadas publicado em 1572.

Camões não foi propriamente o creador do portuguez moderno porque essa nova linguagem escripta já vinha empregada por outros escriptores. Libertou-a, sim, de alguns archaismos e foi um artista consummado e sem rival em burilar a frase portugueza, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéas de modo elegante, energico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoneana, a sua influencia fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias.

Entre as obras em prosa da era quinhentista cabe o primeiro lugar, quer pela excellente linguagem, quer pelos vastos conhecimentos do autor, ás Decadas de João de Barros publicadas entre 1552 e 1563, em cujas narrações se inspirou por vezes o autor dos Lusíadas. Diogo de Couto foi digno continuador das Decadas.

Historiadores contemporaneos de João de Barros foram: Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Goes, Gaspar Corrêa e outros.

No genero viagens sobresaem, entre outras obras, as Peregrinações de Fernão Mendes Pinto e a Ethiopia Oriental de Fr. João dos Santos. As cousas novas e curiosas do Brasil descrevem-nas minuciosamente Magalhães de Gândavo, Gabriel Soares de Sousa e Frei Vicente do Salvador, este já em principios do seculo XVII.

Nas descripções dos paizes de ultra-mar se revela o enriquecimento do vocabulario portuguez, de um lado com

termos asiaticos e africanos, de outro lado com expressões das linguas brasilicas.

Lugar á parte occupam na literatura quinhentista as comedias, autos e farças. São de valia inapreciavel para o conhecimento da linguagem popular da epoca. Avultam entre as producções deste genero os Autos de Antonio Prestes, de Chiado e de Jeronymo Ribeiro, a Eufrosina e Ulysippo de Jorge Ferreira de Vasconcellos e o thesoûro riquissimo das obras de Gil Vicente.

A era seiscentista caracteriza-se sobretudo pelas obras moralistas, sermões, historias da vida e milagres de santos, etc. Esta orientação literaria não é inteiramente nova; teve tambem seus representantes no seculo anterior em escriptores como Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arraiz, João de Lucena e outros. Por fins do seculo XVI e primeiros annos do seculo XVII viveram e escreveram Frei Luis de Sousa e Rodrigues Lobo. As historias da literatura portugueza costumam incluil-os na epoca seiscentista. Usam estes escriptores ainda de certas expressões proprias da epoca precedente e devem ser considerados, na historia da linguagem, como representantes do periodo de transição.

O vulto mais notavel de toda a nova epoca é sem duvida o padre Antonio Vieira, em cujos sermões encontram os estudiosos abundante material para as investigações de lingua portugueza.

Singularisa-se pela elegancia de estilo e facilidade em cultivar diversos generos literarios o polygrapho D. Francisco Manoel de Mello.

Mais moderno que estes dous escriptores é o padre Manoel Bernardes, autor da Nova Floresta, de Luz e Calor e outras obras.

Em poesia deu-nos a epoca seiscentista a Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro e a Ulysippo de Sousa de Macedo, poemas modelados sobre os Lusíadas.

Á producção literaria em lingua portugueza do seculo XVII costuma-se chamar escola gongorica. Ha exagero neste qualificativo. Applicavel embora a certas obras de ficção, que hoje se acham na maior parte esquecidas, não se pode entretanto affirmar que revelem a mesma decadencia de linguagem os escriptos de um Vieira, de um Bernardes, de um Francisco Manoel de Mello, ou de um Frei

Luis de Sousa ou Rodrigues Lobo, autores mais antigos, porem computados na mesma escola. Encontram-se em alguns por vezes trechos cuja linguagem hoje nos parece amaneirada. Explicam-se essas singularidades, nomeadamente nos sermões, pela argumentação propria da escolastica de que se serviam os seus autores. Em exposições meramente narrativas ou descriptivas usam todavia de linguagem simplés, natural e elegante, como a que empregavam os quinhentistas.

O seculo XVIII é o das academias literarias. Floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na grammatica e contextura da linguagem. Mas a attenção dos homens de letras vai-se dirigindo para França, centro de grande movimento intellectual como de revolução politica. A cultura franceza e a lingua franceza passam a ser, em Portugal como em outras partes da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a philosophia, as instituições politicas e sociaes. E assim penetram no idioma portuguez vocabulos creados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilisação moderna. Reagem os puristas contra a onda de gallicismos que, segundo imaginam, ameaça demolir tudo quanto é vernaculo. Consegue-se abafar varias expressões superfluas; mas aquellas que satisfazem a necessidades reaes, que exprimem com clareza e precisão idéas novas, incorporam-se definitivamente ao idioma.

O enriquecimento do vocabulario com expressões e processos devidos ao estrangeiro perdura no portuguez hodierno. Perdura tambem a reacção purista, implacavel em alguns casos, e complacente em muitos outros.

Alterações phoneticas do latim vulgar

I. Vogaes

U tonico pronunciado em latim como vogal longa passou ao portuguez sem soffrer modificações: *uva* (ūva), *lume* (lūmen), *luz* (lūce-), *duro* (dūru-), *fumo* (fūmu-), *puro* (pūru-), *cura* (cūra-), etc.

U tonico que em latim classico era breve por natureza ou cuja pronuncia era forçadamente de pouca dura, por vir seguido de consoante geminada ou de um grupo de consoantes differentes, apparece em nosso idioma ora como *u*, ora alterado em *o*: *boca* < būcca-; *gota* < gūtta-; *cruz* < crūce-; *noz* < nūce-; *junto* < junctu-; *ponto* < punctu-; *onde* < unde; *onda* < unda; *munido* < mundu-; *fundo* < fundu-; *torre* < turre-; *surdo* < surdu-; *tordo* < turdu-; *torpe* < turpe-; *somma* < summa-, etc.

A causa desta disparidade deve procurar-se na pronuncia da vogal em latim vulgar; *u* breve do latim classico soaria aqui como um phonema intermediario entre *u* e *o* fechado, ou, se não estava fixada a pronuncia, oscillaria entre estas duas vogaes, proferindo-se ora de um modo, ora de outro. Como quer que fosse, certo é que por fim se decide a preferencia ora por uma vogal, ora por outra, não só nos diversos vocabulos de um mesmo idioma, mas ainda nos diversos idiomas romanicos quanto aos vocabulos considerados isoladamente. Comparem-se port. *noz*, *cruz* e ital. *noce*, *croce*; port. *junto*, *ponto*, hesp. e ital. *junto*, *punto*; port. *surdo*, *tordo*,

hespanhol e ital. *sordo*, *tordo* (genov. *turdu*); port. e hesp. *torpe* e ital. *turpe*; port. e hesp. *mondo*, ital. *mondo*, fr. *monde*; prov. *ongla*, catal. *ungla*, fr. *ongle*, port. *unha*, etc.

Roto, procede de *ruttu* < ruptu-. Nas palavras em que entra a combinação *uct-*, de latim classico, simplificada depois em *utt-*, a vogal *u* resiste em portuguez á mudança em *o*: *fructo*, *producto* (ital. *prodotto*), *lucto*, *lucta* (ital. *lotta*). Compare-se tambem o port. *muito* com o ital. *molto* < lat. *multu-*.

Desapparecidos certos suffixos latinos, ficou a muitas palavras por terminação a vogal *u*, que passou a pronunciar-se como *o* na peninsula Iberica e na Italia. Ainda hoje se profere em italiano e em hespanhol este phonema terminal vibrando as cordas vocaes como succede com *o* tonico, de que differe pela menor intensidade. Em portuguez porem a pronuncia actual differe da primitiva. Falta presentemente á vogal atona com que as palavras se terminam, a sonoridade que tão clara se percebe no castelhano. Proferindo o dito *o* atono, ou damos mui fraco movimento ás cordas vocaes, ou as deixamos em completo repouso, e, dando á boca a forma propria á prolação do phonema, fazemos ouvir uma vogal cochichada que tanto pode ser *o* como *u*.

I tonico medial, pronunciado em latim demoradamente, conservou em portuguez o valor de *i*: *vida* (*vīta-*), *pinho* (*pīnu-*), *vinho* (*vīnu-*), *amigo* (*amīcu-*), etc. Mudou-se-lhe porem o timbre em *e* onde em latim tinha valor de phonema breve, quer por natureza, quer pela necessidade de articular depois da tónica uma consoante geminada ou grupos de consoantes differentes: *secco* (*siccu-*), *menos* (*mīnus*), *penna* (*pinna-*), *pero* (*pīru-*), *verga* (*virga-*), *cerca* (*circa-*), *elle* (*ille*), *cabello* (*capillu-*), *pelo* (*pīlu*), etc. *Villa* soava em latim *villa* (V. Bourciez, Ling. Romane p. 41).

Prevaleceu a regra tambem nos casos de desaparecimento de certos phonemas no interior do vocabulo: *dedo* (*dīgitu*), *verde* (*vīride*), *seta* (*sagitta*), *sello* (*sigillu-*), etc. A mesma alteração vocalica observa-se em *-elho*, *-elha*, resultantes de *-īculu-*, *īcula-*: *ovelha* (*ovīcula-*), *orelha* (*aurīcula-*), *abelha* (*apīcula-*), *artelho* (*artīculu-*), etc.

Coelho ou é formação analogica portugueza, ou originou-se de *cuniculu-*, por *cunīcūlu-*.

Contrariamente á regra, conservou-se *ĩ* tonico nas terminações *-iciu-*, *itiu-*, talvez por influencia do segundo *i*: *vicio* (*vītiu-*), *officio* (*offīciu-*), etc. A par da terminação *-iça* (*-itia*) existe a forma romanisada *-eza* (com *e* tonico): *justiça* e *justeza*, *malicia* e port. ant. *malleza*, etc.

O latim *scrībere* (com *i* longo) deu em port. *escrever* (e não *escriver*) por analogia de *beber*, *receber*, *dever*, etc.

i final atono converteu-se em *e* atono e, á semelhança de *o* atono em igual posição, soa fracamente na pronuncia actual portugueza. Tanto *i* como *e*, sendo vogaes atonas, desaparecem quando se acham no interior da palavra, entre consoantes que sem a vogal constituem combinações de pronuncia facil: *asno* (*asinu-*), *tenro* (*teneru-*), *ermo* (*eremu-*), *obra* (*opera-*), *verde* (*viride-*), etc.

Nos derivados em *-idade* ha exemplos de manutenção: *facilidade* a par de *faculdade*, *urbanidade* a par de *divindade*, etc. Entraram na linguagem em epoca relativamente moderna.

Os ditongos *ae*, *oe* do latim classico estavam desde longo tempo simplificados em *e* quando se formaram os idiomas romanicos. Foi maior a vitalidade do ditongo *au*, mas houve sempre tendencia, principalmente em certas regiões, para transformal-o em *ou* e simplifical-o por ultimo na vogal *o*. Assim veio de lat. *auru-* port. *ouro*, hesp. e ital. *oro*, fr. *or*; *paucu-* deu port. *pouco*, ital. e hesp. *poco*, catal. *poc*. A par deste ditongo antigo surgiu, em lat. vulgar, outro ditongo *au* resultante de *al* nas combinações *alte*, *alcē* nos vocabulos **auteru* (**autru*) < *alteru*, **fauce* < *falce*, **cauce* < *calce*). Tambem não tardou a simplificar-se: port. *outro*, fr. *autre*, hesp. *otro*; port. *fouce*, fr. *faux*; port. *couce*. Assim alterados, introduziram-se em lingua portugueza os ditos vocabulos e outros semelhantes, parte directamente, parte por analogia; mas o povo que os recebeu sabia pronunciar o ditongo *au* com facilidade e assim poude revivel-o em *auto* (de *actu* e *aptu*), *trato* (de *tractu*) e em palavras recebidas ulteriormente, como *pausa* (a par de *pouso*), *causa* (a par de *cousa*), etc.

Por vocalisação de consoante desenvolveram-se, alem de *au*, os ditongos *ou* de *oc*, *ui* de *uc* e *ul*, *ei* de *ec* e *ep*,

quando seguidos estes grupos de consoante dental, como mostraremos ao tratar das consoantes.

Outro processo a que se deve a formação de ditongo é o contacto de duas vogaes, quer em virtude do desaparecimento de uma consoante intermediaria, como em *mais* (*magis*), *raio* (*radiu-*), *meio* (*mediu-*), quer por effeito de metathese, como em *contraio* (*contrariu-*), *primeiro* < *primairo* (*primariu-*), *raiva* (*rabia-*), *ajudoiro* (*adjutoriu-*). Na evolução das formas verbaes constituiu-se como uma das terminações da 3.^a conjugação o ditongo *iu*: *seguiu*, *destruiu*, etc.

2. Consoantes

Em portuguez, como em hespanhol, passaram de surdas a sonoras as oclusivas latinas *p*, *t*, *k* (graphia *c*), em posição media, usadas depois de uma vogal: a) como consoantes simples: *riba* (ripa-), *vida* (vita-), *lago* (lacu-), *fogo* (focu-), *jogo* (jocu-), *mudo* (mutu-), *figo* (ficu-), *lado* (latu-), *amigo* (amicu-), *agudo* (acutu-) *espada* (spatua-), *roda* (rota-); b) nas combinações *pr*, *tr*, *cr*: *cabra* (capra-), *obra* (op(e)ra-), *vidro* (vitru-), *pedra* (petra-), *sogro* (soc(e)ru-), *padre* (patre-), *madre* (matre-).

Esta modificação das oclusivas produziu-se, nos citados exemplos, por effeito da sonoridade da vogal tónica precedente. Trata-se portanto aqui de um caso de assimilação parcial progressiva. Próferida a vogal tónica com certa demora, estendeu-se, por inercia, a vibração das cordas vocaes á consoante oclusiva. Favorecia a esta vibração prolongada a vogal precedente longa, como o era as mais das vezes em latim a tónica seguida de oclusiva simples. É de suppor que, na Península Iberica, se passasse tambem a pronunciar com alongamento a tónica que em latim classico fora breve, quer antes de oclusiva simples, quer antes das combinações *pr*, *tr*, *cr*. Assim procederia *roda* de *rōta* < *rōta*; *padre* de *pātre* < *pātre*. Notamos ainda hoje certa demora na pronuncia de vogal anterior a *b*, *d*, *g*. (Confrontem-se *errada* e *errata*, *lado* e *lato*, *quadro* e *quatro*, *figo* e *fico*). A mudança de *u* tónico em *o* e de *i* tónico em *e*, como vimos atraz, ter-se-ia dado em epoca anterior á do alongamento: *lāpu* > *lōpo* > *tōpo* > *lobo*; *pūtē* > *pōtre* > *pōtrē* > *podre*; *cīto* > *cēto* > *cēto* > *cedo*.

É claro que o processo da sonorisação consonantal se havia de applicar, por analogia, aos vocabulos derivados e a outros casos em que a vogal já não era nem longa nem tónica. Nos verbos, desde que se tornava sonora a oclusiva das formas rhizotónicas, pronunciando-se *pago*, *pagas*

por *paco*, *pacas*, e *mudo*, *mudas* por *muta*, *mutas*, tambem se passou a dizer *pagamos*, *mudamos*, *pagar*, *mudar*, por *pacamos*, *mutamos*, *pacar*, *mutar*.

Nos vocabulos esdruxulos a sonoridade da vogal tonica reflectiu-se sobre a consoante da syllaba final, ora deixando intacta a consoante mais proxima, como *etego* (de *hecticu-*), ora abrangendo-a igualmente, como em *padroãdigo*, *sodomidigo* (substituido mais tarde por *sodomitico*), *achádego*, etc. Deste processo do port. ant. subsistem ainda *clerigo* (de *clericu-*), *conego* (de *canonicu-*), *estomago* (de *stomachu-*), *pecego* ou *pessego* (de *persicu-*), *amargo* < **amarego* (de *amaricu-*) e poucas mais.

O suffixo latino *-itāt-* tomou a forma *-idade*, e *-dade* (com absorpção de *i*): *felicidade* (de *felicitate-*), *verdade* por *veridade* (de *veritate*), *bondade* (por *bonidade*), etc. Sonorisou-se aqui, pelo processo normal, a consoante post-tonica, e sonorizou-se tambem a consoante pre-tonica.

Esta alteração da syllaba *ta* em *da* é devida, parte á influencia regressiva da syllaba final, parte á presença da syllaba anterior com vogal *i*, cuja pronuncia excessivamente breve fez reproduzir-se na consoante oclusiva phenomeno analogo ao que observamos nas palavras esdruxulas. A sonorisação não se pode effectuar em *ta* do vocabulo *voluntade* (de *voluntate-*) por vir aqui a dental encostada directamente a outra consoante.

Sonorisação da oclusiva precedida de *i*, observa-se ainda em *cidade* (de *ci(vi)tate-*), *delgado* (de *delicatu-*), *amargoso* (de *amaricosu-*) á semelhança do já citado *amargo*, etc.

Seguida das geminadas *cc* (pronuncia *kk*), *pp*, *tt*, ou dos grupos *pt*, *ct*, ou de outra qualquer combinação de consoantes surdas, pronunciava-se a vogal tonica com decidida rapidez, cessando a vibração das cordas vocaes bruscamente para fazer sentir a demora propria da geminada surda ou a articulação das duas surdas differentes. Daqui procede o ficarem inalterados *c* e *t* em *boca* (de *bucca-*), *vacca* (de *vacca-*), *gota* (de *gutta-*), *dito* (de *dictu-*), *escrito* (de *scriptu-*), etc. Se nos grupos *ct* e *pt* a primeira consoante se resolvia em phonema que ia constituir ditongo com a vogal antecedente, esse novo phonema, tendo o valor de subjuntiva ou consoante, não possuia sono-

ridade bastante para influir sobre a explosiva surda *t*: *oito* (de *octo*), *noite* ou *noite* (de *nocte-*), *peito* (de *pectu-*), *receita* (de *recepta-*), etc.

Vogal tónica seguida de *lp*, *lt*, *le*, *rp*, *rt*, *rc*, *rs* não podia de modo nenhum exercer acção sobre o segundo phonema do grupo consonantal. Assim se conservaram como em latim: *culpa*, *consulta*, *alto*, *calculo*, *falso*, *arca*, *barca*, *porta*, *porto*, *forca* (*furca*), *forte*, *morto*, *parte*, *arte*, *pulso*, *sorte*, *marca*, *diverso*, *persa*, *polpa* (*pulpa*), etc. Se a vibrante e lateral tivessem aqui o mesmo valor que tem em *sala*, *caro*, podiam por ventura comunicar a sonoridade ao phonema contiguo *p*, *t*, *c*, *s*. Mas a vibrante e a lateral soam nestas combinações sempre como consoantes surdas. Percebe-se bem este facto pronunciando *sala*, *saldo* e depois *salto*, *culto*, assim como *mora*, *morde*, e depois *morte*, *parte*, e verificando, com o dorso da mão collocado na parte anterior da garganta, a vibração das cordas vocaes. O resultado será positivo no primeiro caso e negativo no segundo.

Quanto ás constrictivas surdas, notamos que sentiram a acção da vogal tónica, porem não de modo identico ao caso das oclusivas.

São poucos os vocabulos com *f* simples intervocalico procedentes do latim. Neste limitado campo de observação apparecem com a consoante sonorizada *proveito* (*profectu*), e antigos verbos em *-ivicar* < *ificar*.

Abrego de *africu*, *ourives* de *aurifice*, *trevo* de **trefolo* < *trifoliu-* e *Estevão* de *Stephanu-* mostram que a sonorisação se fazia tambem em vocabulos de pronuncia esdruxula.

Passou de surda a sonora a constrictiva *s*, usada em posição medial, como consoante simples e precedida e seguida de vogal. Realisou-se este processo sempre que a vogal precedente correspondia a uma tónica longa em latim classico: *uso*, *caso*, suffixo *-oso*, *improviso*, etc. Alongamento ulterior da tónica explica a sonorisação da constrictiva em *casa*, *rosa*, etc. A articulação demorada da geminada *ss* compensava-se antecipadamente com a pouca dura de vibração das cordas vocaes ao ser proferida a tónica, continuando portanto surda a sibilante em *osso*, *fosso*, *promessa*, *classe*, *passo*, *sucesso*, *processo*, etc.

Vogaes tonicæ nasæes não alteram o valor surdo de *s* + vogal da syllaba seguinte; convertendo-se porem em vogaes puras, communicam a sonoridade á sibilante: *mesa* (mensa), *defesa* (defensa), *preso*, *acceso*, etc.

A sibilante media seguida de vogal differe essencialmente das oclusivas medias em adquirir sonoridade de um ditongo precedente: *causa*, *repouso*, *lousa*, *deuses*, *pausa*, etc. Este processo, facilitado aliás pela propria articulação da constrictiva, deu-se talvez em epocha diversa daquella em que certos grupos consonantæes tiveram uma das oclusivas resolvida em subjuntiva de ditongo (*oct* > *out*; *ept* > *eit*).

Empregando-se a letra *s* para representar a sibilante, sabe-se que em posição intervocalica o symbolo simples traduz modernamente em muitos idiomas a pronuncia sonora, e o symbolo duplicado corresponde á consoante surda. Prevalecendo esta convenção orthographica em lingua portugueza, é certo que as regras de pronuncia hoje observadas remontam a varios seculos. Podem suscitar duvida certos casos de divergencia encontraveis em escriptos antigos. A frequente troca de *s* por *ss*, e *ss* por *s*, que se nos depara nos documentos anteriores ao seculo XVI, é naturalmente devida á circumstancia de, naquelle tempo, não se haver ainda fixado o systema orthographico. Alguns casos analogos de confusão poderiam ainda persistir nos primeiros tempos do port. mod. Mas os exemplos de rima de *isso* com *riso*, *siso*, *paraíso*, de *missa* com *camisa* (G. Vic. 3, 17; 3, 22; 3, 140; 3, 156; 3, 46; 3, 40) mostram que, a par da pronuncia culta, ouvia-se em Portugal, pelo menos em certas regiões, *s* simples intervocalico como sibilante surda á semelhança do que se dá na lingua hespanhola, onde a *s* intervocalico se attribue o mesmo valor que a *s* inicial.

Alem do processo de sonorisação de consoante intervocalica por effeito da tónica precedente, houve tambem o da sonorisação antecipada por influencia da tónica subsequente: *seguro* (securu-), *maduro* (maturu-), *cegonha* (ciconia-), *sabor* (sapore-), *cabello* (capillu-), *lagosta* (locusta-), *agora* (hac hora), etc. É o caso da assimilação parcial regressiva.

Ao constituir-se o idioma portuguez, a oclusiva *b*

do latim classico, vindo em posição intervocalica, pronunciava-se como constrictiva. Este facto é attestado pelos vocabulos *dever* (debere), *haver* (habere), *trave* (trabe), *fava* (faba), *escrever* (scribere), *cavallo* (caballu), e outros. Nestas palavras perdura ainda hoje a pronuncia do *v*. Em outras restabeleceu-se a consoante antiga por influencia erudita. *Beve*, *bevado*, *avorrecer*, *tavoa* (tabula), *tavoadada*, *avondar* (abundare), usados ainda em linguagem quinhentista, volveram a *bebe*, *bebado*, *aborrecer*, *taboa*, *taboadada*, *abundar*..

Quanto a *v* intervocalico do lat. classico, sabemos que em port. ant. se representava pelo symbolo *u*. Como a graphia daquelle tempo applicava as letras *u* e *v* sem discriminação de consoante ou vogal, não podemos decidir qual seria o valor exacto do phonema. A pronuncia hodierna articula com firmeza a constrictiva *v* em *ave*, *vivo*, *grave*, *suave*, *oitavo*, *breve*, *ovo*, *novo*, *uva*, *cavar*; mas não ha certeza se nestes e noutros vocabulos analogos a intervocalica soava de modo identico em port. ant. Admittindo que soasse, é facto em todo o caso curioso o amortecimento e desaparecimento de *v* em *rio* (rivu-), e geralmente na terminação *-io*, do suffixo *-ivu*: *vazio* (vacivu-), *estio* (aestivu-), *sadio* (sa(n)ativu-), *fugidio* (fugitivu-), etc. A facil absorpção do phonema nest'outras palavras leva a crer que elle soasse aqui como a consoante *w* em inglez; de sorte que teriamos *rio* < *rivo* < *rivo*; *vazio* < *vazivo* < *vazivo*, etc.

A consoante *g* precedida de vogal e seguida de *a*, *o*, *u*, soaria, na phase da formação do portuguez, como occlusiva, do mesmo modo que em lat. classico, a julgar pela pronuncia que se conservou em *chaga*, *agouro*, *jugo*, *agosto*, *pagão*, *castigar*, *rogar*, *legume*, *praga*. Mas esta maneira de articular a consoante não seria um facto geral, porque não explica satisfatoriamente a mudança do phonema e sua absorpção em *praia* (de *plaga*-), *vaadio* (de *vagativu*-), *real* (de *regal*-), *meestre* < *maestre* (de *magistre*-), *secta* < *saeta* (de *sagitta*-), *leer* (de *legere*), *leal* (de *legal*-), e *eu* (de *ego*). Parece tratar-se antes de uma pronuncia variavel, que oscillaria em *g* e γ , á semelhança do que succede em allemão moderno, e que em certos casos, pelo menos, se daria preferencia a γ .

É physiologicamente mais facil passar da fricativa *ɣ* para *i* do que da oclusiva *g* para *i*, e mais facil é tambem que *vaadio* se originaria de *va, adivo* < *vugadivo*; *real* < *rexal* < *regal*.

De *eyo*, e não directamente de *ego*, procederia tanto o port. *eu*, como hesp. *yo*, ital. *io*, etc.

Se *v* e *g* intervocalicos, preexistentes em latim, puderam persistir em muitos vocabulos portuguezes, outro tanto não succedeu a *d* intervocalico de igual procedencia: *paraiso* (paradisus-), *seer*, depois *ser* (sedere), *veer* (vedere), *creer* (credere), *pee*, depois *pé* (pede-), *roer* (rodere), etc. Ao mesmo tempo que a dental surda, em posição media, era sonorizada pela vogal tónica a que se encostava, a dental sonora preexistente, em igual posição, era absorvida pela mesma vogal tónica. Esta consoante soava talvez como fricativa*), ao passo que a outra era oclusiva.

Do amortecimento da dental em **loudar* (de *laudare*), **oudir* (de *audire*) e **goudir* (de *gaudere*) resultou desdobrar-se *u* em *uv*, tornando-se estas palavras em *louvar*, *ouvir*, e *gouvir* (verbo este que ocorre em port. ant. e em Ord. D. Man. 5, tit. 52, e 2, tit. 38, em concorrência com *gozar*, o qual acabou por supplantal-o).

N intervocalico em uns casos conservou-se como consoante; em outros nasalizou a vogal precedente. A vogal nasalizada em muitos vocabulos mudou-se ulteriormente em vogal pura.

L não geminado, entre vogaes, não se pode manter em *paço* (palatium-), *door* (dolor-), *coobra* (< colobra < colubra-), < *poombo* (< paombo < palombo < palumbu-), *beesta* (< baesta < balista-), *quente* (< caente < calente), e em outros muitos vocabulos.

Conservou-se todavia em *pelo* ou *pello* (pilu), em *malo*, *mala* a par de *mão*, *maa* (*quem malas manhas ha Sá de Mir. 430*), *valer* e alguns outros.

É sobretudo notoria a absorpção de *l* nos suffixos *-ulu*, *-ula*, *-olu*, nas palavras cujo thema acaba em consoante labial; *parvoo* (parvulu-), *poboo* (populu-), *tavoa* (tabula-), *diavoo*, *diaboo* (diabolu-). Semelhantemente *perigoo*

*) É pronuncia conhecida ainda hoje em Portugal (Veja Gonçalves Vianna. Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes. Leipzig, Teubner, 1903).

(periculu-), não se dando aqui a mudança de que passamos a tratar.

Nas palavras formadas com o suffixo *-culu*, *-cula*, conservou-se o accento na vogal precedente, e o suffixo alterou-se em *lho*, *lha*: *espelho* (*speculu-*), *artelho* (*articulu-*), *orelha* (*auricula-*). É mudança difficil de explicar com o simples recurso do systema orthographico de que a principio dispunham as linguas romanicas para representar os diversos sons. Apparentemente, deu-se o primeiro passo na alteração phonetica, eliminando uma vogal: *-culu* > *-c'lu* > *c'lo*. Mas isto pouco adianta. Primeiro que tudo, a modificação em *lho*, *lha*, não se faria sem a previa sonorisação da consoante *k*, e o novo phonema devia ter qualidade palatal capaz de influir no phonema vizinho, palatalisando-o igualmente. Em vez de imaginar desde logo o desaparecimento da vogal entre as duas consoantes, deve-se antes suppor que ella persistisse a principio, e que não soaria rigorosamente como *u*, mas que, sendo atona, a sua pronuncia se aproximasse de *i*; teriamos pois *spek-ulu* > *spek-ilu* > *spe(g)ilu* ou *spe(γ)ilu*. Dar-se-ia depois metathese na terminação: *speilu* > *spe-liu*. Ao contrario da explicação antiga, que se limita a passar de um enigma a outro enigma maior, a que aqui proponho attende ás possibilidades physiologicas. Quanto ao desaparecimento da consoante, nada temos de acrescentar ao que atraz ficou dito sobre a palatal intervocalica.

Como puderam *vitulus*, *anulus*, *catulus* e outros semelhantes transformar-se em *vitellus*, *anellus*, *catellus*, etc.?

Q phenomeno importante é o da deslocação do accento tonico. Quanto ás outras modificações, são mais apparentes do que reaes. A graphia *ulus* não é prova de que naquelles proparoxytonos o primeiro *u* correspondesse sempre á pronuncia; é mais natural que o phonema *u* cedo se convertesse por dissimilação em *e* (se é que não soava quasi como *i*), pronunciando-se *vitelus*, *ánelus*, *cátelus*. Quando mais tarde se deu a deslocação do accento, definiu-se *o* em *e* fechado e a consoante geminada *ll* vinha então significar que o dito *e* recebia o icto forte e era ao mesmo tempo vogal breve. A evolução seria *vitulus* > *vitelus* > *vitellus*. Ulteriormente, *e* fechado podia tornar-se *e* aberto, como succede com o port. *vitela*, *cadela*, etc.

Persistiu *l* intervocalico naquelles vocabulos em que a lingua latina pronunciava a consoante geminadamente: *cabello* (capillu-), *cavallo* (caballu-), *pelle* (pelle-), *bello* (bellu-), *cuitello* e *cutello* (cultellu-), *castello* (castellu-) *valle* (valle-), *gallo* (gallu-), *villa* (villa-), *villão*, *mölle*, (molle-), etc. Vê-se que era nitida a articulação demorada do *ll*. Se, pelo contrario, a palavra tinha em igual posição sómente um *l* simples, a pronuncia da vogal affectava a consoante contigua, dando em resultado articulação enfraquecida e final desaparecimento da consoante *l*.

Os grupos consonantaes latinos *sp*, *st*, *sc* passaram inalterados ao portuguez quando mediaes, e com *e* prothetico quando iniciaes: *vespa*, *suspiro*, *peste*, *gosto*, *esperar*, *estar*, *mosca*, *escrever*, etc.

Os grupos consonantaes *rt*, *rd*, *rv*, *rp*, *rm*, *rn*, permaneceram intactos: *virtude*, *parte*, *corda*, *perder*, *corvo*, *servo*, *corpo*, *serpente*, *forma*, *romper*, *forno*, *tornar*, etc. A combinação *rb* transforma-se em *rv*: *erva* (erba-), *arvore* (arbo-re-). Grupos formados da lingual *l* com uma oclusiva (*lp*, *lt*, *lc*) persistiram em *culpa*, *alto*; em outros casos a lingual revelou-se instavel, vocalisando-se em *u* nas combinações *alt* > *aut* > *out*, *alc* > *auc* > *ouc*, e em *i* na combinação *ult* > *uit*: *outro* (alteru-), *couce* (calce-), *fouce* (falce-), *muito* (multu-), *cuitello* (cultellu-).

Dos grupos latinos constituidos por duas oclusivas (*ct*, *pt*) passou intacta ao portuguez a dental pronunciada por ultimo. Os phonemas *c* e *p* vocalisaram-se: a) em *u* nas combinações *act*, *apt*, *oct*: *auto* (actu-), *trauto* (tractu-), *auto* (aptu-), *bautismo* (baptismu-), *noute* (nocte-), *doutor* (doctor-); b) em *i* nas combinações *ect*, *ept*: *aspecto* (aspectu-), *aceito* (acceptu-), *respeito* (respectu-), *direito* (directu-). *Sete* filia-se ao lat. vulgar. *sette* < *septe*. Em *ipt*, *opt*, *ict* houve primeiro assimilação de uma consoante a outra, dando lugar ás geminadas *itt*, *ott*, *itt* em lat. vulgar, e dahi a dental simples em portuguez: *escrito* < *scrittu* < *scriptu*; *roto* < *rotto* < *ruptu*. De *uct* resultou a dupla forma *uit* e *ut* em *fruta* e *fruta*, *luta* e *luta*, *truita* e *truta*, prevalecendo porem a pronuncia *ut*.

A oclusiva *p*, consoante de transição no grupo latino *mpt* deixou de subsistir desde o momento em que *m* perdia seu valor de consoante labial, indo nasalisar a vogal pre-

cedente. Pronunciou-se *prõnto* (lat. *promptu-*), *assũnto* (lat. *assumptu-*), *isento* (lat. *exemptu-*). Por outra parte, gerou-se em port. entre *m* e *r*, em virtude de supressão da vogal intermediaria, a labial de transição *b*: *hombro* < *hum'ru* < *humeru*.

dv reduziu-se a *v*: *avogado* (advocatu-), *aversario* (adversariu-).

mm simplificou-se *n*: *dano*, *sono*, *condenar*.

O grupo *gn* em *agn*, *ogn* e *ugn* adquiriu o valor do phonema que hoje representamos com *nh*: *tamanho* (tam magnu-), *camanho* (quam magnu-), *anho* (agnu-), *punho*, *punha* (pugna-), *repunhancia* (linguagem encontravel em escriptores quinhentistas), *conhecer* (cognosce-re), *cunhado* (cognatu-).

A combinação *ign* simplifica-se em *in*: *sino* (signu-), *dino* (dignu-), *ensinar*, etc. O latim *insigne* vem romanceado em quinhentistas (Heitor Pinto) ora como *insigne* ora como *insinhe*. Á reacção erudita deve-se o restabelecimento de *gn* em varios casos.

Nos grupos *rs*, *bs*, persiste a sibilante, e desfaz-se a articulação da vibrante e da oclusiva, podendo esta resolver-se em *u*. Nos vocabulos *usso* (ursu-), *dosso* (dorsu-), *cosso* (< corso < cursu-), e seu derivado *cossairo*, *cossario* restabeleceu o port. mod. *rs*, por influencia da linguagem culta. Outro tanto não succedeu com *avesso* (adversu-), *travesso* (travessu-), *pessego* ou *pecego* (persicu-) e *pessoa* (persona-).

Da alteração do grupo *bs* são exemplos *ausente* (absente-), *assolver*, *assoluto*, *ausoluto* (absolvere, absolutu-), *asconder*, *esconder* (abscondere).

Quanto á mudança dos grupos *cl*, *fl*, *pl* na consoante chiante, veja-se pags. 33-35 desta obra.

Os sons em portuguez e sua representação

Cabe á grammatica historica traçar e explicar, primeiro que tudo, as diversas modificações por que passaram os phonemas de uma lingua no decorrer dos seculos. Da phase primitiva tratámos nas paginas precedentes. Daqui em diante teremos de attender ao objectivo bem definido da presente obra. Só incidentalmente nos occuparemos da epoca durante a qual o latim ou romanico, em certa parte da península iberica, se foi transformando em idioma portuguez. Não cotejaremos phonetica portugueza com phonetica latina, e sim textos portuguezes com textos portuguezes, os quaes durante longo periodo não offerecem á pesquisa phonetica outra informação mais que as letras representadoras dos phonemas.

Espinhosa e ardua, portanto, a estrada que permite chegarmos a resultados positivos. De boa mente cremos que a pronuncia dos lusitanos da era de D. Duarte diversificava bastante do falar dos tempos de D. Affonso Henriques, e que, proferidas por Filinto Elysio, as palavras já não soavam exactamente como em boca de Camões ou de Vieira. Mas as palavras de todos estes tempos voaram e desapareceram; ficaram sómente os escriptos. E nestes ha mais semelhança que disparidade, pela sabidissima razão de ser a tradição escripta muito mais conservadora que a oral.

Daqui se segue que a proposito de vocabulos que sempre se escreveram da mesma maneira, e de letras e combinações de letras cuja applicação não differe da hodierna, só poderemos dizer que aparentemente a pronuncia não tem variado. A nossa phonetica historica occupar-se-á, portanto,